



O quê a “tecnologia social” tem a ver com o cineclubismo? Reflexões a partir de análises de experiências cineclubistas em Campos dos Goytacazes, RJ

Gabriel Bon Rabello, Gabriela Scotta

As interrogações iniciais que motivaram esta pesquisa são resultado do conhecimento acumulado ao longo dos sete anos do Cineclube SocioAmbiental Campos. Foi o contato direto com essa experiência, o que nos levou a delinear como hipótese que o cineclubismo pode ser definido como uma “tecnologia social”. Mas para provar isso o primeiro passo – de uma pesquisa que ainda está em andamento - foi analisar o que se entende por “tecnologia social”. Para isso tomamos como ponto de partida o Projeto de Lei 3329 de 2015, que institui a Política Nacional de Tecnologia Social, onde se encontra uma definição do conceito: “atividades voltadas para a inclusão social e a melhoria da qualidade de vida, desenvolvidas mediante processo coletivo de organização, desenvolvimento e aplicação”. Embora, com um olhar desde as ciências sociais, nos custe entender porque recorrer à “tecnologia” para promover os processos sociais que a lei objetiva, os resultados alcançados até o momento nos permitem afirmar que, se consideramos a trajetória histórica do cineclubismo no Brasil, vemos que ao longo de seu desenvolvimento, o movimento assume múltiplos significados sociais, econômicos, políticos, culturais e educacionais, sempre conectados ao debate sobre o “assistir cinema coletivamente”, como um espaço de reivindicação, construção e garantia de direitos, visando estimular uma dinâmica democrática. Sendo que “a adoção de formas democráticas de atuação” é um dos princípios orientadores da referida lei. Portanto conclui-se, nesta primeira etapa, que o cineclubismo é um espaço de construção de um desenvolvimento democrático tanto pelo grupo organizador, quanto os seus participantes. Mas para continuar avançando na demonstração desse argumento, visamos, na segunda etapa do projeto, aprofundar na pesquisa, de caráter etnográfico e com base na observação participante, de experiências cineclubistas em Campos dos Goytacazes, RJ. Nesse percurso metodológico, combinaremos a observação participante, com entrevistas à equipe organizadora e ao público cineclubista. O foco da análise será nos processos de decisão, e nos debates que se seguem ao filme, para compreender como esses elementos se mostram necessários para o funcionamento da criação de uma sociabilidade cineclubista, que vá para além da sessão.

Palavras-chave: Cineclubismo, Tecnologia Social, democracia.

Instituição de fomento: CNPq, Agir/UFF, Proex/UFF.